
Grupo APOE

**Grupo de Estudo sobre Administração
de Pequenas Organizações e Empreendedorismo**

www.grupoapoe.wordpress.com




Caminhos para uma Melhor Educação Superior em Empreendedorismo no Brasil

Autores:

Edmilson Lima, Marcos Hashimoto, João Melhado e Ricardo Rocha

Caderno de pesquisa n. 2014-03 - **Grupo APOE**



Texto levemente aperfeiçoado do trabalho de mesmo título aceito para apresentação no evento acadêmico ENANPAD, na cidade do Rio de Janeiro, em setembro de 2014.

UNINOVE



Universidade Nove de Julho

www.uninove.br

Para citar este trabalho

LIMA, E., HASHIMOTO, M. MELHADO, J., ROCHA, R. Caminhos para uma Melhor Educação Superior em Empreendedorismo no Brasil (trabalho aceito para apresentação no ENANPAD 2014). Grupo APOE – Grupo de Estudo sobre Administração de Pequenas Organizações e Empreendedorismo, PPDA-UNINOVE. Caderno de pesquisa, n. 2014-03. São Paulo: UNINOVE. 2014.

Endereço para contato:

PPGA-UNINOVE

Programa de Pós-Graduação em Administração – Universidade Nove de Julho

Av. Francisco Matarazzo, 612 – Água Branca

CEP 05.001-100 São Paulo – SP Brasil

Telefone: (11) 3665-9342 Portal de internet: www.uninove.br/ppga

Caminhos para uma Melhor Educação Superior em Empreendedorismo no Brasil

Autores:

Edmilson Lima (Uninove)

Marcos Hashimoto (Faccamp)

João Melhado e Ricardo Rocha (Endeavor)

RESUMO

O objetivo do estudo aqui apresentado é gerar mais conhecimento sobre as práticas de educação em empreendedorismo (EE) das instituições de ensino superior (IES) brasileiras e também sobre as motivações e o perfil de professores e estudantes interessados no tema. Os métodos adotados são qualitativos, apoiados em entrevistas em profundidade com 22 professores e seis grupos de foco com 60 estudantes. Os informantes são de variadas regiões e cidades brasileiras. Os resultados trazem uma tipologia que relaciona o perfil e as motivações dos professores com as práticas de EE que realizam, assim como recomendações originadas também dos grupos de foco.

1- Introdução

Trabalhos recentes têm apontado a necessidade de se melhorar e ampliar a educação superior em empreendedorismo, pois ela dá grandes contribuições para o desenvolvimento dos países (UNCTAD Secretariat, 2011). Outra justificativa é que ela tem o potencial de aumentar a qualidade da preparação e o número de jovens inovadores, proativos e de iniciativa, seja para trabalhar em um emprego, seja para desenvolver seu próprio negócio – em ambas as condições, geram impacto sócio-econômico relevante (Alvarez e Busenitz, 2004; Fayolle, Gailly e Lassas-Clerc, 2006; Guerra e Grazziotin, 2010; Lanero et al., 2011). Com isso em mente, pesquisadores dos mais variados países realizaram numerosos estudos sobre o tema (Byrne, Fayolle e Toutain, 2014) e concentraram suas recomendações de melhoria da educação em empreendedorismo (EE) na abordagem prática de ensino e na proximidade dele com a realidade do mundo dos empreendedores. É o que se vê claramente em trabalhos como os de Lima et al. (2014), Neck e Greene (2011) e Surlmont e Kearney (2009). Contudo, para muitos países, inclusive o Brasil, falta conhecimento com a finalidade prática de se saber a partir de que condições e com qual atitude dos professores e estudantes seria possível dar passos mais firmes e largos na melhoria da EE.

Dadas essas circunstâncias, o objetivo da pesquisa aqui apresentada é o de gerar contribuições para que se conheça melhor as características das práticas de EE usadas em instituições de ensino superior (IES) brasileiras assim como das motivações e do perfil de seus professores e estudantes interessados no empreendedorismo. Segundo o caráter exploratório da pesquisa, este trabalho sugere caminhos para futuros estudos e para eventuais aperfeiçoamentos da prática da EE. Com esse direcionamento, esperamos deixar ao alcance de pesquisadores, diretores universitários, professores, estudantes, empresários e políticos resultados de pesquisa que possam ser úteis na intensificação da promissora melhoria da EE no Brasil.

2- A EE e seus Efeitos Favoráveis ao Empreendedorismo

A EE já percorreu um longo caminho nas últimas décadas e se multiplicou amplamente em programas de formação, disciplinas e atividades de formação, principalmente nos Estados Unidos. Mas a pesquisa sobre o tema continua necessitando de mais estudos teóricos e empíricos (Fayolle, 2008). O interesse pela EE cresceu impulsionado pela crença de que ela contribui para a inovação nas organizações e a criação de novas empresas e novos postos de trabalho (Guerra & Grazziotin, 2010; Lanero, Vázquez, Gutiérrez, & García, 2011). Já se constatou, por exemplo, que ela gera efeitos positivos para a auto-eficácia (*self-efficacy*) em empreendedorismo, que é a crença que tem uma pessoa de que é competente para avançar com sucesso na realização de atividades empreendedoras (Chen, Greene, & Crick, 1998).

Acredita-se que a educação pode estimular o comportamento empreendedor de diferentes maneiras (Galloway, Anderson, Brown, & Wilson, 2005) e que, se as universidades não oferecerem EE, devemos esperar que os estudantes empreendam menos (Alvarez & Busenitz, 2004). Há evidências de que experiências ligadas ao empreendedorismo vividas por universitários despertam ou fortalecem neles o desejo de criar novos negócios. Adicionalmente, a promoção da EE nas universidades favorece o potencial empreendedor (Vyakarnam, 2005) e diferentes competências úteis para se empreender (Kirby, 2005; Gibb, 2006) nos estudantes, além de estimular consciência e interesse propícios a formas alternativas de trabalho e ao empreendedorismo (Galloway et al., 2005). Também é relevante considerar que as características pessoais (Alvarez & Busenitz, 2004) e as habilidades (Galloway et al., 2005) para empreender podem ser geradas e aperfeiçoadas com a educação.

Os estudantes podem se beneficiar com o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades do empreendedorismo com a EE mesmo que não queiram ter seu próprio negócio. Atribui-se a ela o potencial de estimular o pensamento criativo, a geração de inovações e o crescimento do senso de auto-estima e responsabilidade (Heinonen, Kovalainen, & Pukkinen,

2006), o que a torna, aos olhos dos interessados no tema, indispensável para que se ofereça ensino superior de qualidade.

3- A Condição da EE no Brasil

Resultados de variados estudos sobre a condição da EE no Brasil apontam a necessidade de sua melhoria (Anjos, Fachine e Nóbrega, 2005; Greco *et al.*, 2009; Lima *et al.*, 2014; Oliveira, Taffo e Andrade, 2010; Suedekum e Miller, 2011). Na realidade educacional em que vivem, os estudantes não estão se sentindo suficientemente preparados para enfrentar o desafio de ter seu próprio negócio (Oliveira, Taffo e Andrade, 2010). A partir do estudo de 60 alunos concluintes do curso de Administração em IES privadas na cidade de São Paulo, esses três autores identificaram que 65% dos estudantes têm como preferência de carreira ser empreendedor logo após a formatura e 40% preferem ter um emprego. O número de interessados em empreender subiu para 87% quando o horizonte temporal considerado foi de médio a longo prazo; o de interessados em emprego baixou para 35% e a categoria de interesse em ser profissional liberal agrupou 28%. Na amostra, 62% das pessoas eram mulheres. O conjunto dos estudantes informou desconhecer as formas de treinamento, apoio para abertura de negócios, fontes de apoio financeiro, centros de negócios, orientação técnica para iniciar um negócio ou mesmo serviços terceirizados para a abertura de uma empresa. O conjunto deles também avaliou que não se sentia competente para criar seu próprio negócio e pouco mais da metade se disse capaz de desenvolver o projeto do próprio negócio (baixa auto-eficácia). Esta constatação também foi obtida por Melhado e Miller (2012), que observaram que, dos 6.215 estudantes entrevistados, apenas 38,1% dos que querem empreender se dedicam a buscar uma formação para abrir seu próprio negócio. Nesse sentido, tanto o estudo de Oliveira, Taffo e Andrade (2010) quanto o de Melhado e Miller (2012) indicam sérias limitações da EE nas IES brasileiras.

No mesmo estudo, Melhado e Miller (2012) notaram que muitas IES oferecem alguma disciplina de empreendedorismo (91,3% das 46 estudadas), porém com baixa adesão dos alunos (39,7% dos alunos consultados cursaram alguma). Os motivos da baixa procura podem estar relacionados com a qualidade das disciplinas. No nordeste brasileiro, Anjos, Fachine e Nóbrega (2005) registraram que 75% dos alunos de Administração da Universidade Federal de Campina Grande consideraram regular ou ruim o nível de tratamento do tema empreendedorismo em seu curso. O conjunto dos estudantes mostrou demanda por mudanças, principalmente que fosse adotado um enfoque prático de educação, mais interdisciplinar, com mais amplo e melhor tratamento do tema, sem faltar incentivo para se estudar o tema, e capacitação dos professores.

Esse quadro de carência de qualidade da EE brasileira é reforçado pelo estudo do Conselho Federal de Administração - CFA (2006). A amostra considerada abrangeu 10.552 egressos dos cursos de Administração, além de professores e empresas. Seus resultados mostram que porcentuais consideráveis dos respondentes sugerem novos conteúdos de ensino para que as IES formem melhor os alunos, conduzindo-os ao desenvolvimento de competências mais adequadas à realidade do mercado. Os principais conteúdos apontados foram: desenvolvimento do empreendedorismo (46%), gestão de micro e pequenas empresas (23,5%), gestão ambiental e desenvolvimento sustentável (23,5%) e ética empresarial (20%).

Reforça a direção dessas estatísticas o estudo do GEM referente ao ano de 2008 (Greco *et al.*, 2009). Ele tratou de um tópico específico sobre a EE. Com base em levantamentos do INEP, o estudo informa a existência de 39.555 cursos superiores no país em 2008, sendo 3.465 programas de ensino de Administração e 988 das áreas de Engenharia da Computação, Informática e Sistemas de Informação. Apesar de serem as quatro áreas precursoras da EE no país, o estudo identificou nelas apenas 25 cursos com foco específico na EE e na gestão de pequenos negócios, dos quais 88% eram presenciais e concentrados no sul e no sudeste. Para os autores, esses números indicam que a EE é muito modesta nas IES, uma situação vinculada

à carência de professores capacitados. Ainda segundo Greco et al. (2009), dos empreendedores que dão início a um negócio, 90% não fizeram qualquer curso, disciplina ou treinamento relativo à abertura de negócios em qualquer nível de estudo. Apenas 4% do total dos empreendedores estudados informaram ter feito alguma disciplina de EE em uma IES e isso ocorreu majoritariamente com disciplinas optativas.

A partir dessas constatações, investigamos quais são os fatores que requerem mais atenção na EE no Brasil. Com base no levantamento de publicações de especialistas e na consulta a uma amostra de 25.751 universitários, Lima et al. (2014) levantam cinco grandes desafios da EE em contexto universitário no Brasil: aumentar a oferta de cursos, disciplinas e atividades ligadas ao empreendedorismo; treinar mais professores; oferecer mais proximidade e contato com os empreendedores e sua realidade; adotar uma abordagem prática; ampliar a diversidade na oferta de disciplinas e atividades ligadas ao empreendedorismo, indo além da tradicional ênfase no plano de negócios. Seus resultados de pesquisa mostram um impacto estatisticamente significativo e negativo da EE sobre a intenção empreendedora e sobre a *self-efficacy* (crença de se ter competência para empreender com sucesso) dos universitários. O mesmo se mostrou na relação entre a intenção empreendedora e a demanda por EE. Isso significa que estudantes que tiveram mais EE nas universidades foram os que mostraram menor intenção de empreender e menor confiança de que poderiam empreender com sucesso. De modo semelhante, aqueles que mais tinham interesse em empreender foram os que mostraram menos interesse em fazer disciplinas e atividades de EE nas IES.

Tais resultados contradizem achados de pesquisa descritos no início do presente trabalho, o que coloca em questão a qualidade da EE universitária brasileira. Eles sugerem uma real necessidade de superação dos cinco desafios identificados, intento que poderia se beneficiar sobremaneira de oportunidades também identificadas pelos autores, como a alta demanda e a atitude positiva dos estudantes em relação à EE.

O fato de a EE nas IES brasileiras ainda ser majoritariamente restrita a disciplinas com foco no plano de negócios já era destacado por Degen (2009) e Guerra e Grazziotin (2010). Adicionalmente, em comparação a outras universidades do mundo, as disciplinas oferecidas nas IES brasileiras ainda convidam poucos empreendedores a interagir com os estudantes e não se concentram em atividades práticas, distanciando-se do mundo real vivido pelos empreendedores (Suedekum e Miller, 2011). Esses últimos autores alertam que tais limitações dificultam a necessária preparação dos estudantes para empreenderem e a recomendável busca de clareza por eles sobre os pontos que deveriam aperfeiçoar em si.

4- Métodos

O estudo realizado é de natureza exploratória e é do tipo qualitativo, dado que não se concentrou na obtenção e tratamento de dados numéricos e relações entre variáveis quantitativas. Seu caráter exploratório deve-se ao fato de a pesquisa aqui descrita ser, ao nosso conhecimento, a primeira a buscar gerar conhecimentos sobre as motivações e o perfil de professores e estudantes universitários brasileiros interessados no empreendedorismo, além de apresentar características das práticas de EE. Portanto, o caráter exploratório mostra, de saída, que não há a intenção de se dar aqui uma palavra final sobre o tema estudado ou de se esgotá-lo, visto que este começa apenas a ser tratado no contexto das IES nacionais e faltam conhecimentos prévios aprofundados sobre ele.

Os dados provenientes dos professores foram obtidos com a realização de entrevistas semi-estruturadas (Flick, 2004) de duração média de 50 minutos com 22 professores que lecionam ou dirigem atividades de formação na área do empreendedorismo em 22 IES do país. Eles são das regiões centro-oeste (Mato Grosso do Sul, com um professor), nordeste (Alagoas, Bahia e Ceará, com um professor cada estado, e Pernambuco, com dois professores), sudeste (quatro professores de Minas Gerais, sete de São Paulo e dois do Rio de Janeiro) e sul (um professor do Rio Grande do Sul e dois do Paraná). Oito entrevistas foram

realizadas em 2013 e 14 em 2014 com contato presencial, por telefone ou por um sistema de videoconferência pela internet. Os professores foram convidados por e-mail, por telefone e/ou em contatos presenciais para serem entrevistados, respeitando-se o critério de terem sido identificados por nós como realizadores de projetos premiados, participarem ativamente de congressos sobre EE ou empreendedorismo em geral, por serem indicados por outros professores entrevistados ou por terem compartilhado entre os membros de uma associação acadêmica nacional (ANEGEPE - www.anegepe.org.br) experiências interessantes quanto a suas práticas de EE.

Dentre os professores entrevistados, uma parcela viveu ou ainda vive a vida de empreendedor e tem suas próprias experiências de empreendedorismo para explorar e compartilhar com os alunos em suas aulas. De toda forma, inclusive os entrevistados que empreendem atualmente têm a atividade de professor como aquela a que dedicam mais horas de trabalho nos dias úteis da semana, mesmo que não seja a mais rentável financeiramente. A maioria deles iniciou a carreira de professor lecionando disciplinas não vinculadas a empreendedorismo mas, anos depois, recebeu a incumbência de fazê-lo, mesmo sem ter seguido alguma formação específica para isso. Depois disso, no geral, não mencionaram ter feito alguma formação preparatória para ser professores do tema. Esse é um ofício que aprenderam e aprendem na prática, sem um guia preciso para tanto. No entanto, há entre os entrevistados alguns que estão fazendo um doutorado em que estudam alguma particularidade do tema, além de um deles que já realizou estudos de pós-doutorado e chegou a fazer pesquisas acadêmicas sobre o tema. Com perfil semelhante ao desse professor, há uma professora cujo trabalho é concentrado em pesquisa e na oferta de disciplinas relacionadas a empreendedorismo em programa de ensino de mestrado e de doutorado. Nesse caso, ela atua ensinando sobre questões conceituais e teóricas, não com o objetivo de formar estudantes para ser empreendedores. De modo sintético, podemos dizer que: (1) poucos professores entrevistados empreendem atualmente; (2) um número pouco maior já foi empreendedor; (3) vários conviveram em ambiente em que atuavam empreendedores; (4) no geral, não seguiram formação específica para ser professor de EE objetivando a preparação de estudantes para empreender; (5) aproximadamente metade deles tem o grau de doutor, mais comumente em Administração; (6) sua idade varia de 34 a 67 anos, com três professores apenas passando dos 60 anos e um estando abaixo dos 40.

Ademais, os dados obtidos com os estudantes foram coletados ao longo da realização de seis grupos de foco presenciais (Krueger e Casey, 2009) descritos no quadro a seguir.

Quadro 1- Grupos de foco

Cidade	Mês	Nº de participantes	Duração em minutos
São Paulo	Agosto de 2013	8	114
Rio de Janeiro	Agosto de 2013	8	102
Belo Horizonte	Setembro de 2013	12	102
Recife	Novembro de 2013	6	135
Curitiba	Dezembro de 2013	10	112
São Paulo	Março de 2014	16	105

Os seis grupos de foco somaram um total de 60 estudantes participantes, provenientes de 29 IES das regiões que incluem cada uma das cidades citadas no quadro anterior. Desses, 23,3% (14 estudantes) são empreendedores e 63,3% (38 estudantes) querem empreender e estão se preparando para isso. 65% dos participantes são homens. Dois estudam em pós-graduação, enquanto o restante está cursando ou concluiu recentemente a graduação. Quanto às áreas de estudo, 30 deles são de Administração, 13 de Engenharias e 17 de outras áreas. Convidamos os estudantes por e-mail a participar dos grupos de foco, após termos recebido listas de sugestão de nomes de alunos interessados em empreendedorismo vindas de professores de nossa rede de contato residentes em várias cidades brasileiras. Estes são professores de empreendedorismo que encontramos com frequência nas IES em que

transitamos regularmente ou em congressos acadêmicos ou de práticas de ensino. Como incentivo, os convidados receberam a oferta de cursos online (de uma renomada instituição de apoio a empreendedores) dentre os quais poderiam escolher um para cursar. Daqueles que fizeram agendamento, cerca de 80% compareceram ao local marcado para os grupos de foco. No agendamento feito para março de 2014, tínhamos registros indicando que manteríamos o número de oito a 12 participantes recomendados pela literatura para cada sessão de grupo de foco (Krueger e Casey, 2009). Contudo, apareceram de última hora vários estudantes sem agendamento e querendo participar da atividade. Preferimos não lhes negar essa oportunidade¹.

Em sua análise, os dados foram codificados e agrupados em categorias analíticas com o uso do *software* de análise de dados Atlas-ti (Bandeira-de-Melo, 2006; Muhr, 1995). Para tanto, as categorias e seus conteúdos foram sucessivamente comparados de acordo com técnicas recomendadas por Miles e Huberman (1994). No tratamento dos dados, o Atlas-ti foi muito útil na obtenção de organização, detalhamento e profundidade de análise frente ao desafio do grande volume de dados comum na pesquisa qualitativa (Lage e Godoy, 2008).

5- Resultados

Segundo os dados obtidos com professores e estudantes, a EE é oferecida comumente de modo tradicional, baseada mais frequentemente no desenvolvimento de um plano de negócios (PN) por equipes de alunos. O modelo pedagógico normalmente adotado por um professor é pautado por aulas expositivas concentradas nos primeiros encontros com os alunos na oferta da disciplina ligada a empreendedorismo para que desenvolvam uma base de compreensão conceitual inicial. No restante da disciplina, faz-se o desenvolvimento do PN. Esse modo de oferta da disciplina é frequentemente entremeado por momentos de discussão com o uso de casos de ensino ou de exemplos tirados de textos, das experiências do professor, dos alunos ou de pessoas do círculo de relações de qualquer dessas partes. Em diferentes IES, há também espaço reservado para uma ou outra palestra de empreendedores convidados e alguma visita técnica. Os cursos de graduação em que esse tipo de disciplina é ofertado são, grosso modo, ligados ao tema da administração, da computação e das engenharias. Apesar de ser o modo de EE mais recomendado pelas publicações acadêmicas especializadas, a aprendizagem pela prática (com ou sem uso de simulação) não apareceu, para qualquer das IES, como abordagem pedagógica empregada ao longo de todo o período de oferta de qualquer disciplina.

As turmas de alunos não são exclusivamente formadas por estudantes que têm convicção quanto a querer criar sua própria empresa ou ser efetivamente (intra)empreendedor de algum outro modo – criando uma ONG, comprando uma empresa existente, dando continuidade aos negócios da família ou sendo um chefe ou outro tipo de empregado intraempreendedor. É comum a participação nas disciplinas de alunos que ainda estão para se decidir se vão (intra)empreender e até mesmo de certo número daqueles cujo plano de carreira é ter um emprego sem envolvimento com (intra)empreendedorismo. Esses últimos tendem a ser numerosos quando a disciplina de empreendedorismo em questão é obrigatória. Tal situação ocorre em algumas das IES estudadas e professores entrevistados que a vivem em sala de aula relataram que o nível de interesse dessa categoria de alunos para com o PN é reduzido em relação ao que ocorre com os demais. Assim, a diversidade é elevada nas salas de aula quanto aos interesses de carreira dos estudantes ou ao nível de interesse e mesmo de preparação para empreenderem. Dentre os casos mais raros, está o do aluno que já identificou uma oportunidade de negócio viável a explorar e está se preparando (juntando recursos, fazendo alguma formação extra...) para empreender. Segundo Liñán (2007), as disciplinas com foco em PN deveriam ser prioritariamente direcionadas a esse tipo de aluno, pois ele é que tenderia a ter mais interesse no desenvolvimento do PN e dele poderia tirar mais benefícios.

Três iniciativas de EE se destacam pelo envolvimento pessoal de seus realizadores e pelo empenho destes em construir um ambiente universitário de aprendizagem em empreendedorismo, muito mais do que se fazer a oferta de disciplinas. As três já receberam reconhecimento e premiação de projeção nacional e são lideradas por professores de perfil mais fortemente empreendedor em suas atividades. Eles atuam respectivamente nos estados de Minas Gerais, Pernambuco e Rio de Janeiro. Pautados por uma perspectiva sistêmica ampla de aprendizagem e de vivência dos estudantes em um ambiente de cultura e atividades práticas propícias ao empreendedorismoⁱⁱ, tais professores representam a vanguarda da EE no Brasil. Isso ocorre mesmo que boa parte de suas atividades em prol da EE não seja remunerada ou amplamente valorizada e apoiada em sua IES. Em outras palavras, as iniciativas desses professores, já premiadas por órgãos externos às IES e admiradas por professores de outras instituições, são levadas adiante com alto grau de empenho de seus líderes e colaboradores mais próximos. O empenho redobrado mostra-se necessário para vencerem resistências e a burocracia das IES em que atuam, e do sistema de educação brasileiro, e assim oferecerem aos estudantes um ambiente mais propício à EE.

5.1- Motivações dos Professores da Pesquisa

Além do perfil dos professores entrevistados, já apresentado na seção de métodos, importa aqui tratar também de suas motivações e, a partir daí, tornarmos mais compreensíveis suas práticas (e razões destas) na EE.

Quanto a suas motivações para trabalhar como professor de empreendedorismo, no geral, os professores informaram que acreditam poder dar uma contribuição importante para a sociedade e os estudantes formando pessoas mais bem preparadas para empreender, quer os professores estejam efetivamente lecionando alguma disciplina de empreendedorismo, quer não o estejam fazendo, mas atuam como organizadores de atividades ou coordenadores em um programa de ensino. Para grande parte deles, o início da atividade como professor de empreendedorismo deu-se por simples atribuição de função de um chefe, diante da qual não resistiram. A partir daí, cada um buscou aperfeiçoar suas competências em EE. Para uma minoria, ocorreu a busca do posto pelo próprio professor, o que se deu essencialmente entre os professores que demonstram ter perfil mais empreendedor por serem líderes de projetos transdisciplinares e extracurriculares em suas respectivas IES.

A seção seguinte apresenta uma tipologia que classifica e coloca em relação características de perfil, motivações e práticas de EE dos professores.

5.2- Relações do Perfil e das Motivações dos Professores com suas Práticas de EE

Indo mais fundo nas análises dos dados e sem deixarmos de considerar também a manifestação dos estudantes nos grupos de foco, um esboço de tipologia (ver o quadro 2) evidenciou-se e projeta-se como um resultado promissor da pesquisa para que se conheça melhor os perfis, motivações e práticas dos professores na EE. Trata-se de uma tentativa preliminar de classificação para compreensão, que provavelmente precisará de aperfeiçoamento posterior, de acordo com a natureza exploratória de nossa pesquisa.

Quadro 2- Tipologia dos professores de educação em empreendedorismo (EE)

	<i>Tipo (perfil)</i>	<i>Motivações</i>	<i>Práticas de EE</i>
Dimensão do projeto	Visionário-realizador	<ul style="list-style-type: none"> * Dar uma grande contribuição à a sociedade 	<ul style="list-style-type: none"> * Estabelece um contexto propício às relações, práticas e aprendizagem amplas dentro e fora da IES * Tem a parceria de empreendedores * Favorece auto-experimentação * Promove a transdisciplinaridade entre diferentes cursos ou programas de ensino * Busca oferecer meios de autorealização a professores e alunos * Liga pessoas das mais variadas de fora e de dentro da IES * Normalmente é um líder que dirige pessoas na busca do estabelecimento de uma cultura em prol da EE em toda a IES (é um diretor de programas de ensino, um reitor, coordenador de centro de empreendedorismo ou outra função de liderança)
	Realizador	<ul style="list-style-type: none"> * Dar uma contribuição à sociedade * Reconhecimento para si e outros professores 	<ul style="list-style-type: none"> * Cria ou aperfeiçoa programa ou curso com ênfase em empreendedorismo na IES atuando comumente em equipe com outros professores * Promove a interdisciplinaridade entre as matérias lecionadas pelos professores dentro do mesmo curso ou programa * Favorece a ampla sensibilização para o empreendedorismo entre os estudantes dessas matérias e de diferentes anos de estudo * Favorece o encontro e a relação de pessoas variadas interessadas no empreendedorismo * Promove palestras e eventos * Doa seu tempo aos alunos com desprendimento * Usa casos de ensino e ensina plano de negócios * Convida empreendedores para conversar e/ou fazer palestra para alunos
	Executivo associado	<ul style="list-style-type: none"> * Formar bem pessoas que contribuam para a sociedade * Prestígio * Sentir-se um realizador ao lado de outros 	<ul style="list-style-type: none"> * Trabalha em cooperação com mais professores (interessados também em empreendedorismo e outros) * Freqüentemente atua como membro empenhado no grupo de colaboradores do professor realizador ou do visionário-realizador * Executa atividades da EE com criatividade * Doa seu tempo aos alunos com desprendimento * Com freqüência, tem algum tipo de negócio ou atuação como empreendedor fora da IES que inspira vez ou outra exemplos e discussões de suas aulas * Usa casos de ensino e ensina plano de negócios * Convida empreendedores para conversar e/ou fazer palestra para alunos
	Executivo solitário	<ul style="list-style-type: none"> * Realizar bem seu papel em sala de aula e em atividades extra esperando dar um futuro melhor a seus alunos * Ser valorizado no trabalho 	<ul style="list-style-type: none"> * Realiza seu trabalho com dedicação acima da média, freqüentemente empregando atividades de ensino não exigidas para seu cargo * Adota com freqüência práticas do professor executivo associado ou realizador que julga interessantes mas não complexas para execução * Demonstra interesse pelos projetos dos alunos e tira-lhes dúvidas nos corredores da IES ou na sala de aula, pouco antes ou pouco depois de sua aula * Não muito raramente, tem ou teve algum tipo de negócio e usa exemplos seus em aulas e outras atividades * Usa casos de ensino e ensina plano de negócios * Com pouca freqüência, convida empreendedores para palestrar
	Executor^{&}	<ul style="list-style-type: none"> * Cumprir as exigências de seu cargo * Ser remunerado 	<ul style="list-style-type: none"> * Realiza seu trabalho com nível de dedicação que pode variar entre médio e fraco * Tende a não realizar atividades que não julga necessárias para o cumprimento mínimo das exigências de seu cargo de professor * Ensina plano de negócios * Usa casos de ensino com pouca freqüência

[&] Este tipo não foi encontrado entre os professores entrevistados, mas foi aqui incluído por dedução a partir da fala dos alunos nos grupos de foco.

A flecha lateral do quadro 2 explicita a dimensão dos projetos de EE dos professores como um dos fatores usados na montagem da tipologia. Ela sinaliza que os professores considerados apresentam maior dimensão de seus projetos de EE à medida que consideramos os tipos mais no alto do quadro.

Dentre os diferentes perfis dos professores, aqueles que tendem a gerar o maior impacto de atividades em prol da EE nas IES são os visionários-realizadores e os realizadores, dada a amplitude dos projetos que empreendem. A respeito de um professor com o primeiro perfil, obtemos relatos como o que segue, vindo de estudantes nos grupos de foco:

O [projeto criado pelo Prof-12] não é restrito aqui [à capital do estado], ele tá se interiorizando como a [própria IES, para diferentes cidades]. Pro programa Bota Pra Fazer, por exemplo, [ele] chamou pessoas de outros campi. Eles foram lá prá escola técnica e a gente fez reunião capacitando os professores pro programa. (...) Tem

também a empresa júnior [e outras iniciativas]... (GrupoFoco-06)

O relato apresenta desdobramentos de um trabalho iniciado aos poucos pelo professor em questão, que, como descreve a tipologia do quadro 2, não tem a obrigação de ser um professor especificamente de uma ou mais disciplinas de empreendedorismo. Ele mesmo dá mais detalhes sobre seu perfil e as práticas de EE associadas a ele:

Pois é, engraçado é que eu nunca fui professor da disciplina de empreendedorismo (...). Eu comecei como coordenador disseminando a cultura do empreendedorismo. Eu sempre fui dessa linha da cultura. (...) Acho que o empreendedorismo não é uma disciplina, é uma prática e aí precisa de um ecossistema. Então você precisa meio que de uma gestão pra impulsionar esse ecossistema dentro da universidade, que envolve disciplinas, projetos de extensão, projetos de pesquisa, atividades extracurriculares, enfim... Esse é o meu papel. (...) Eu me considero mais um agente formador do que um professor. (Prof-12)

São muito correntes os mais variados tipos de resistência a iniciativas de mudança em prol da EE nas IES brasileiras. Um deles pode estar associado à falta de consciência sobre o valor e o potencial de projetos de EE propostos, assim como sobre a repercussão que podem ter na comunidade universitária e na sociedade. Um professor realizador exemplifica isso ao descrever como se quebrou a resistência a um de seus projetos:

Tentei colocar [o projeto de formação de empreendedores] na universidade, mas não me deram bola, riram quando eu mostrei. Deu aquela raiva... Aí fiquei sabendo [daquele prêmio de empreendedorismo] com a categoria projeto e pesquisa. E eu falei 'pô, vou botar esse negócio aí' (...) pois pensei 'se eu não fizer, alguém vai ali e vai fazer. Vou divulgar esse negócio!' E eu ganhei o prêmio [e fui entrevistado na TV]. Aí eles começaram a dar abertura de uma coisinha ali, uma coisinha aqui e a gente foi realizando [na universidade]. (Prof-11)

Os relatos dos professores sugerem que, nas IES, muito frequentemente as disciplinas de empreendedorismo são atribuídas a professores sem histórico ou interesse aparente voltados para o campo do empreendedorismo. Somada à realidade de carência de formação de professores de EE no Brasil (Lima et al., 2014), poder-se-ia argumentar que tal procedimento tende a multiplicar sobremaneira o número de professores executores. Segundo as recomendações da literatura especializada para se oferecer disciplinas e atividades propícias à EE de alta qualidade, esse seria um procedimento a evitar se os gestores universitários interessam-se pela preparação adequada dos estudantes em empreendedorismo. Como visto na introdução deste trabalho, a literatura indica que tanto os estudantes que querem um emprego (e depois nele ser intraempreendedor ou não) quanto os que querem ser independentes podem obter benefícios relevantes com o aperfeiçoamento da EE, dentre os quais, uma melhor capacidade para enfrentar riscos e imprevistos, para ser inovador e para ser criativo.

5.3- Motivações, Percepções e Sugestões dos Estudantes da Pesquisa

A análise dos dados provenientes dos grupos de foco identificou várias falas dos estudantes que são reveladoras de suas motivações. Fazer a diferença, aplicar o que aprendeu e resolver problemas estão entre as motivações mais comuns, segundo exemplificam as falas a seguir, cada uma de um estudante diferente:

Agregar valor para alguém, para sociedade de fato, sabe. Construir alguma coisa que vai ser relevante para vidas. Essa é a motivação inicial. Solucionar problemas de pessoas e tornar vida delas melhor.

A motivação minha é mais como uma opção de trabalho no futuro mesmo. É uma chance que eu vi de empregar coisas que eu aprendi na faculdade, coisas que eu sei que eu gosto, e gerar renda também, para mim mesmo.

Já morei fora, aí eu tinha esse serviço onde universitários se ajudavam compartilhando próprio material de estudo... cheguei aqui, não tinha. Vi que existe essa demanda. Resolvi fazer uma coisa parecida para aplicar para brasileiro.

Os estudantes deram respostas desse tipo para uma pergunta como “Por que você pensa em empreender?”. Contudo, alguém poderia facilmente imaginar uma associação dessas motivações com uma possível carreira como pesquisador, técnico ou como executivo em uma empresa existente. Quando questionados sobre o que pensam a respeito do interesse de seus colegas universitários em empreender e sobre resultados de pesquisa mostrando que os

universitários do Brasil estão pouco preparados para empreender, percebe-se uma crença de que empreendedorismo é um tema que tem sido muito exposto pela mídia em geral, provocando uma ideia ilusória a seu respeito, como se vê na seguinte fala:

A mídia mostra como se fosse assim: “ah, vou montar uma empresa e ganhar milhões.” Mas acho que é uma coisa muito mais difícil e que a mídia não mostra. Vontade de empreender “todo mundo” tem, pois a mídia mostrou que é legal e que vai dar dinheiro.

Os próprios estudantes reconhecem que empreender não é fácil e tampouco se sentem preparados para a empreitada do negócio próprio. Mesmo os que se sentem preparados reconhecem que não há como estar 100% preparado. Mas ponderam que estar disposto a experimentar, aprender com os próprios erros e tentar novamente são formas de preparação.

Acho que nunca vou me sentir preparado de verdade. Isso é o que me move a aprender cada vez mais, sabe?

Acho que ninguém está preparado para abrir uma empresa.

Quando a pessoa realmente está preparada, ela não se sente preparada.

Estou preparado para ver o erro, para ver o acerto.

Estou preparado para errar.

Questionados sobre os caminhos que escolhem para se prepararem melhor, as respostas mais diversificadas surgiram, desde a influência do irmão, até palestras, eventos, mentores, networking, internet. Mas quase nenhum menciona a própria IES em que estuda como influenciador importante.

Mentores foi...muito fundamental. Conversar com algumas pessoas que realmente colocam em cheque [nossa ideia].

Ir atrás de pessoas que empreendem, ter contato com elas. Eu gosto de trocar ideias com essas pessoas, conversar, reunir, para tentar pegar um pouco dessa experiência que eles têm por já terem negócio, já estarem empreendendo.

As poucas respostas que relacionam a IES como meio de aprendizagem e preparação sobre empreendedorismo citam o ambiente, os eventos e demais influências da instituição, como centros de empreendedorismo e inovação ou empresas juniores e incubadoras. Não citaram disciplina de empreendedorismo que cursaram. Procuramos saber o porquê. As respostas foram similares às seguintes:

Nunca, em quatro anos de faculdade, um professor trabalhou como a gente pode fazer diferente, como pode mudar algo, nem que seja para ganhar dinheiro.

A minha pegada com faculdade é muita essa, acho que [tem um problema de] falta de realização. Não gosto dessa questão de você estudar teoria por estudar teoria – cara, se a ideia não for materializada, você não está gerando valor para ninguém.

Tanto o curso de economia da [IES onde eu estudo] não tem nada voltado para empreendedorismo, [quanto o que tem] é muito voltado para apoiar a gestão para você levar um negócio para frente.

A lógica da universidade ainda é muito fechada. A ideia é você entrar, fazer um estágio e vai para uma empresa. Essa é a lógica [de gerar empregados] de quase todos os cursos hoje em dia.

Então, assim... você não trabalha com empreendedorismo nem dentro da sua faculdade para ele funcionar ali dentro. Isso é um problema.

O modelo educacional te coloca dentro de uma caixinha e te pune cada vez que você erra. Cada vez que você dá uma resposta errada. O que a gente tem que rever é justamente isso.

O que podemos observar, a partir dos depoimentos dos entrevistados, é que o ambiente acadêmico tradicional, com suas salas, professores, métodos de avaliação e rigidez disciplinar, não lhes parece um ambiente adequado para se aprender a empreender. Um modelo de ensino que privilegia o acerto e pune o erro, que exige o domínio teórico, que inibe a discussão aberta e ignora a construção colaborativa do conhecimento representa a antítese do que os estudantes consultados entendem como empreendedorismo.

Muitas das falas corroboram os achados de Anjos, Fechini e Nobrega (2005) sobre a má qualidade das disciplinas de empreendedorismo. Corroboram também o entendimento de que há baixo percentual de empreendedores que fizeram alguma disciplina de EE em uma IES (Greco et al., 2009). Há uma concepção geral de que a universidade está preparada para

formar profissionais para o mercado de trabalho que devem seguir regras, obedecer a ordens, respeitar uma estrutura hierárquica e dominar o conhecimento exigido para tarefas específicas. Nota-se claramente que os estudantes consultados possuem uma concepção de empreendedorismo que difere de administração ou gestão de negócios. Para alguns que estudam em IES de Administração, a instituição ensina a administrar um negócio, o que não é o mesmo que empreender.

Quando questionados sobre possíveis melhorias que as universidades podem proporcionar à EE, as respostas são igualmente variadas, também alinhadas com as conclusões de Lima et al. (2014) e Suedekum e Miller (2011), mas com várias outras sugestões e contribuições importantes, dentre as quais, destacamos as seguintes (acompanhadas de falas dos estudantes, em letras menores):

1) Compartilhar histórias de fracasso para se conhecer melhor o fato de que errar é natural em empreendedorismo e, de certa forma, até desejável como forma de aprendizado.

Tive professores que, durante as aulas, só falaram dos fracassos deles. Os fracassos deles me colocavam no chão e eu pensei: 'cara, é difícil, não é fácil, mas eu quero'. Quero me desafiar com isso.

2) Utilizar a mídia como meio de aprendizagem com casos reais, porém complementando-se estes com os conceitos fundamentais que explicam as histórias de sucesso (ou de fracasso) apresentados nos casos.

Mas você abre uma página, noutra pagina ele está faturando 100 milhões. Você não necessariamente vai mostrar como ele chegou lá. Acho que uma matéria de empreendedorismo entraria nessa questão. Ela vai te preparar para essa página que fica faltando.

3) Empreendedorismo nem deveria ser uma disciplina, mas uma competência a ser desenvolvida de forma transversal ao longo de todas as disciplinas de um curso.

O empreendedorismo na universidade tem que estar encravado nos cursos, entendeu? Tem que ser para todo mundo. Se, de repente alguém quiser se aprofundar depois, beleza. Mas aí está no meio dos outros cursos. Não separar, porque isso gera as barreiras.

O que eu sinto falta não é de uma disciplina, é de um programa. Porque um programa é o que vai fazer você transitar entre várias iniciativas.

Tem que promover cultura, educar, fornecer linha de crédito, abrir mercado. Isso de fato é uma solução integrada. Criar uma disciplina melhor ou pior, botar um cara para dar palestra, não vai resolver. Solução tem que ser integrada.

4) A própria universidade precisa ser mais empreendedora, proativa, inovadora. Uma cultura empreendedora favorece a formação de empreendedores.

Acho que a universidade com essas questões de empreendedorismo ela precisa ser mais viva, ter mais sangue nesse olho e mais sangue nessa mão.

5) Fazer com que os alunos tenham mais contato com empreendedores reais, interajam com eles para aprender a prática, seja na forma de programas de mentoria, estudos de caso, palestras, estágios ou outros.

Tem que ter um projeto de *mentoring*, com empreendedores reais para compartilhar conosco suas experiências e seus erros.

6) Oferecer aos alunos a possibilidade de resolverem problemas reais. Buscar interação com empresas para o desenvolvimento de casos em que os alunos possam aplicar o que for aprendido em sala de aula.

É uma metodologia muito utilizada nos EUA e na Europa, e é exatamente isso. É aprendido em cima de problemas. Problemas reais.

Tem muitas empresas que têm problemas, a gente tem um monte de universitários para resolver problemas, e ninguém faz essa ponte.

Transformar sala de aula num laboratório de ideias para problemas e soluções reais.

7) Criar condições para que os alunos possam desenvolver suas ideias de negócio em ambientes protegidos, como laboratórios de *co-working*, onde possam experimentar, errar e aprender com a prática.

Possibilidade de ele sair com uma empresa real ao final dos 4 anos e falhar neste meio tempo.

Tem que começar um negócio do zero e tem que funcionar. [O aluno] não se forma se não fizer um projeto

andar.

Dar atividade para eles que não seja criar um negócio, mas dar pequenas noções para mostrar que seu projeto é possível e, a partir daí, ele assumir coisas maiores e maiores.

Espaço onde as coisas acontecem... colocar um quadro, as pessoas falam o que querem [e alguém vai anotando nesse quadro]. Pessoas de áreas diferentes trabalhando junto... *Co-working* da Poli só da Poli?! Em que só alunos da Poli podem participar!? Não funciona. Aulas de coisas X para pessoas de área Y. Dar oportunidade para as pessoas se conhecerem neste espaço.

Falta laboratório para as pessoas criarem as coisas, verem as coisas acontecerem, gerar as inovações.

8) Incentivo para que professores possam dedicar um tempo fora de sala de aula à atuação como *coach* de alunos que estão empreendendo.

Às vezes você procura o professor, que dá aula aqui, ali, e não tem tempo - e não tem uma estrutura dentro da escola que dê suporte financeiro para esse indivíduo para ele ficar lá. Porque, para um professor orientar o trabalho, ele precisa ganhar alguma coisa para aquela hora de trabalho. Essa orientação é feita fora da sala de aula.

9) Participação em atividades extracurriculares, como competições de negócios e de inovação, associações de estudantes, empresas juniores, projetos sociais e eventos que vão aproximar o aluno com o universo empreendedor:

Minha experiência dentro de empresa júnior... eu trabalhei na confederação [de empresas júniores] e a gente trabalhava com extensão. A gente via que o movimento era moroso, mas pouco a pouco as universidades começavam a ver "Pô, a empresa júnior é um negócio legal", pouco a pouco "Vamos abraçar isso", "Vamos colocar isso como valor", porque acaba sendo.

Tenho um viés que eu acho que o que mais mudou o empreendedorismo foi o Enactus. Diferente de uma empresa júnior, em que você tem um negócio, um produto pronto, no Enactus você tem que criar um negócio (célula). Então é uma coisa muito diferente. Você tem que ir na prática, na comunidade, num grupo de pessoas, e criar um negócio do zero.

A AIESEC é uma das instituições em que eu trabalhei. Os alunos são os próprios donos do negócio. Tem o presidente, tem o grupo de diretores. Cada diretor faz parte de um negócio. Então vão aprender através da gestão. Vão aprender práticas de recursos humanos, práticas da área financeira.

6- CONCLUSÃO

Ao iniciar o estudo aqui apresentado, os autores tomaram como objetivo a geração de contribuições para que se conheça melhor as práticas de EE das IES brasileiras assim como as motivações e o perfil de seus professores e estudantes atraídos pelo tema do empreendedorismo. Contudo, um estudo que leva em consideração a perspectiva de professores e estudantes deve ser interpretado sob certas condições contextuais relacionadas com o universo cognitivo dos respondentes. Devido à pouca experiência prática dos estudantes, não se pode esperar que eles tenham uma ideia clara dos requisitos exigidos para iniciar e manter um negócio próprio. A amostra de respondentes procurou trazer uma grande diversidade de alunos em termos de geografia, tipo de curso, instituição pública ou privada, idade e formação geral. Essa diversidade, aliada ao modelo adotado para a coleta dos dados (grupos de foco com alunos e entrevistas com professores) deu-nos acesso a uma grande riqueza de detalhes sobre a EE no Brasil. Adicionalmente, os professores e estudantes consultados, dados seu perfil e suas ocupações, são pessoas bem posicionadas para tratar do empreendedorismo e da EE de um ponto de vista privilegiado, o que conferiu credibilidade adicional aos dados que nos transmitiramⁱⁱⁱ.

Dadas essas considerações, acreditamos que um dos pontos fortes que tivemos para explorar em nossa pesquisa foi a combinação de procedimentos de coleta de dados com a vasta gama de dados em detalhe que nos foram generosamente ofertados por respondentes de diferentes perfis e regiões brasileiras. Com base no rico material de pesquisa que pudemos organizar a partir daí, notamos que a EE avança no Brasil – mesmo ainda com sérios hiatos e não da forma ou na velocidade com que desejariam muitos professores e estudantes – em resposta às crescentes demandas provocadas pela mudança na mentalidade do brasileiro. Este desmistifica o entendimento do empreendedorismo como simplesmente a criação e condução de um pequeno negócio de subsistência ou como sinônimo de gestão em favor de uma

compreensão mais ampla e precisa, que o torna uma opção de carreira mais atrativa. Assim, cada vez mais jovens ingressam nas IES buscando se qualificar como empreendedores nas mais diversas áreas do conhecimento.

Apesar de certos avanços na IES já perceptíveis aos olhos de professores e estudantes consultados em nossa pesquisa, estes últimos continuam a se sentir despreparados para empreender. O modelo tradicional do ensino universitário, originalmente desenhado para fomentar o desenvolvimento humano por meio do conhecimento e, mais recentemente, adaptado para formar mão de obra qualificada em nações em alto ritmo de desenvolvimento econômico, como o Brasil, não privilegia o desenvolvimento de competências empreendedoras.

Percebe-se, por meio dos depoimentos e declarações, que o ensino de empreendedorismo nas instituições ainda está preso aos paradigmas já longamente estabelecidos, que privilegiam mais a formação e transmissão do conhecimento do que a atividade prática e relacional recomendável para a EE segundo a literatura especializada. Por este motivo, parte do alto índice de evasão de programas de empreendedorismo na academia advém de frustrações sobre o atendimento das expectativas pessoais dos futuros empreendedores, com maior senso de urgência e praticidade.

Com finalidades práticas, em nossas IES, precisamos nos perguntar seriamente se estamos oferecendo a EE adequada aos estudantes e, então, tomar as iniciativas necessárias em decorrência da resposta obtida. O presente estudo, como vários anteriores, aponta para uma resposta negativa, dando uma contribuição, ainda que modesta, para se saber a partir de que bases e necessidades podemos caminhar para uma melhor educação superior na área. A atitude e a receptividade dos estudantes interessados em empreendedorismo é muito propícia para tal melhoria. Em estudo anterior, Lima et al. (2014), notaram que também a demanda dos estudantes em geral é favorável. Os estudantes que consultamos (de credibilidade redobrada, como já mencionamos, por terem sido numerosos os que se baseiam em um ponto de vista privilegiado) oferecem até mesmo com uma vasta lista de sugestões de melhoria, que sintetizamos na seção anterior. Por sua vez, os professores nos deram recursos para preparar uma tipologia útil no estudo dos problemas a superar. À luz dela, e considerando-se os dados vindos tanto dos professores quanto dos estudantes, nossas conclusões apontam para a necessidade de mais professores realizadores e visionários-realizadores nas IES estudadas, ambos os tipos apoiados amplamente por professores do tipo executivo associado – aquele que coopera nos projetos de EE e conjuga esforços com mais pessoas. Lembrando que, no Brasil, diretores universitários e reitores normalmente também são professores, mesmo que temporariamente fora das salas de aula, a tipologia proposta também os integra, lembrando que podem ser realizadores e visionários-realizadores, de atuação altamente relevante na EE.

As implicações das conclusões deste estudo para melhorar a EE nas IES brasileiras levam a algumas recomendações:

- O ensino de empreendedorismo não deve se limitar ao ensino de Administração ou Gestão de Negócios apenas, mas privilegiar principalmente o desenvolvimento de competências empreendedoras, independentemente de se estar ligado a um negócio;

- O ensino de empreendedorismo deve romper com os tradicionais modelos de ensino, fortemente vinculados a teorias e explorar novas técnicas, ferramentas e metodologias que permitam o aluno colocar em prática o seu aprendizado;

- O ensino de empreendedorismo deve explorar a interdisciplinaridade, a transversalidade e a diversidade no ambiente acadêmico inerentes às características do ecossistema local de negócios e do ambiente universitário existente;

- O ensino de empreendedorismo deve estimular a formação de professores específicos, que possam conciliar uma forte formação acadêmica com uma boa experiência prática empreendedora;

- O ensino de empreendedorismo deve estar alinhado com as principais iniciativas de fomento à atividade empreendedora da região, integrando esforços e estabelecendo parcerias com o objetivo de melhorar a formação empreendedora dos alunos;

- O ensino de empreendedorismo deve balancear a quantidade de teoria, conceitos e definições acadêmicas tradicionais com o estímulo à prática empreendedora dos alunos, através de atividades extracurriculares e laboratórios de experimentação e teste.

Estas contribuições, em linha com trabalhos de receptividade internacional como o de Neck e Greene (2011), são potencialmente úteis para o trabalho de gestores, educadores e profissionais ligados à configuração dos sistemas de ensino e daqueles empenhados no desenvolvimento da cultura empreendedora. Elas podem auxiliar na ampliação do repertório de ações possíveis a serem adotadas em suas diretrizes e políticas de fomento e incentivo a iniciativas de melhoria da educação em geral e, principalmente, da formação de empreendedores de alta qualidade.

Notas de fim de texto

ⁱ Segundo o que apuramos, desejando contar com mais colegas na atividade, estudantes de uma grande universidade de São Paulo trocaram informações parciais com outros da mesma IES sobre o agendamento. Esses últimos, sem muita precisão das informações e acreditando se tratar de um evento aberto a qualquer interessado em empreendedorismo, compareceram ao local querendo aproveitar uma oportunidade extra de aprendizagem.

ⁱⁱ Ambiente em que se facilitam e multiplicam as atividades práticas de formação, as relações entre estudantes de variados cursos, com professores e com empreendedores, além de se promover a aplicação da visão transdisciplinar favorável à inserção de conteúdos e atividades de empreendedorismo nas mais variadas disciplinas.

ⁱⁱⁱ No caso dos estudantes, por exemplo, um número razoável deles já empreende, seja com negócios próprios, projetos sociais ou em organizações estudantis, ou já tiveram alguma exposição prática ao empreendedorismo – seja por influência familiar, amigos ou por iniciativa própria derivada de expectativas de carreira – e assim demonstraram um conhecimento privilegiado do tema, o que assegurou ainda mais sua credibilidade para tratarem do tema.

Referências bibliográficas

- Alvarez, S. A., & Busenitz, L. W. (2004). The entrepreneurship of resource-based theory. *Journal of Management*, 27, 755-775.
- Anjos, G. C. B., Fachine, G. F., & Nóbrega, A. L. (2005). Percepção empreendedora dos estudantes de graduação: um estudo de caso no curso de Administração da UFCG (Universidade Federal de Campina Grande). *Anais dos Seminários em Administração* (FEA-USP), São Paulo.
- Bandeira-de-Melo, R. (2006). Softwares em Pesquisa Qualitativa. In: Godoi, C.K., Bandeira-de-Melo, R., Silva, A. B. (org.). *Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos*. São Paulo: Saraiva, p. 429-460.
- Byrne, J., Fayolle, A., & Toutain, O. (2014). Entrepreneurship Education: What We Know and what We Need to Know. In: Chell, E., Karataş-Özkan, M. (eds.). *Handbook of Research on Small Business and Entrepreneurship*. Cheltenham: Edward Elgar, p. 261-288.
- CFA (2006). *Pesquisa nacional 2006: perfil, formação, atuação e oportunidades de trabalho do administrador*. Conselho Federal de Administração. Recuperado de <http://www2.cfa.org.br/pesquisa-nacional>
- Chen, C., Greene, P. G., & Crick, A. (1998). Does Entrepreneurial Self-Efficacy Distinguish

- Entrepreneurs from Managers? *Journal of Business Venturing*, 13, 295-316.
- Degen, R. J. (2009). *Empreendedor*. São Paulo: Pearson.
- Fayolle, A. (2008). Entrepreneurship Education at a Crossroads: Towards a more Mature Teaching Field. *Journal of Enterprising Culture*, 16(4), 325-337.
- Fayolle, A., Gailly, B., & Lassas-Clerc, N. (2006). Effect and counter-effect of entrepreneurship education and social context on student's intentions. *Estudios de Economía Aplicada*, 24(2), 509-523.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman.
- Galloway, L., Anderson, M., Brown, W., & Wilson, L. (2005). Enterprise skills for economy. *Education and Training*, 47, 7-17.
- Greco, S. M. S. S., Bastos Jr, P. A., Machado, J. P., Felix, J. C., Silvestre, R. G. M., Passos, C. A. K., Schlemm, M., Meza, M. L. F. G., Rissete, C. R., Cunha, S. K., Bulgacov, Y. L. M., Camargo, D., & Réa, M. X. (2009). *Empreendedorismo no Brasil: 2008 (GEM 2008)*. IBQP: Curitiba. Recuperado de [http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/5D1CAC412448B0428325757B00697DC7/\\$File/NT0003EF2A.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/5D1CAC412448B0428325757B00697DC7/$File/NT0003EF2A.pdf)
- Guerra, M. J., & Grazziotin, Z. J. (2010). Educação empreendedora nas universidades brasileiras. In: R. M. A. Lopes (Org.). *Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas* (pp. 67-91). Rio de Janeiro: Elsevier.
- Heinonen, J., Kovalainen, A., & Pukkinen, T. (2006). *Global entrepreneurship monitor, executive report Finland*. Turku School of Economics and Business Administration series B2/2006. Turku. Recuperado de www.gemconsortium.org/docs/download/489
- Krueger, R. A., Casey, M. A. (2009). *Focus Groups: A Practical Guide for Applied Research*. Thousand Oaks: Sage.
- Lage, M. C., Godoy, A. S. (2008). O uso do computador na análise de dados qualitativos: questões emergentes. *Revista de Administração Mackenzie*, 9(4), 75-98.
- Lanero, A., Vázquez, J. L., Gutiérrez, P., & García, M. P. (2011). The impact of entrepreneurship education in European universities: an intention-based approach analyzed in the Spanish area. *International Review on Public and Non-Profit Marketing*, 8(2), 111-130.
- Lima, E., Lopes, R. M., Nassif, V., & Silva, D. (2013). Opportunities to Improve Entrepreneurship Education: Contributions Considering Brazilian Challenges. *Journal of Small Business Management* (no prelo) Recuperado de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jsbm.12110/abstract>.
- Liñán, F. (2007). The Role of Entrepreneurship Education in the Entrepreneurial Process. In: Fayolle, A. (ed.). *Handbook of Research in Entrepreneurship Education, v. 1: A General Perspective*. Cheltenham/Northampton: Edward Elgar.
- Melhado, J., & Miller, A. (2012). *Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras - 2012*. Endeavor Brasil. São Paulo: Endeavor. Recuperado de <http://promo.endeavor.org.br/pesquisa>
- Miles, B. M., & Huberman, A. M. (1994). *Qualitative data analysis: an expanded sourcebook*. 2 ed. Thousand Oaks: Sage.
- Muhr, T. (1995). Atlas/ti, Release 1.1E. In: Weitzman, E. A., Miles, M. B. *Computer Programs for Qualitative Data Analysis. Computer Programs for Qualitative Data Analysis*. Thousand Oaks: Sage, p. 217-229.
- Neck, H., & Greene, P. G. (2011). Entrepreneurship education: known worlds and new frontiers. *Journal of Small Business Management*, 49(1), 55-70.
- Oliveira, A. H., Taffo, M. L., & Andrade, M. F. (2010). *Os fatores influenciadores na intenção de empreender dos jovens universitários de Administração de São Paulo*. São Paulo: ESPM.

- Suedekum, G., & Miller, A. (2011). *Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras*. Endeavor Brasil. São Paulo: Endeavor. Recuperado de <https://docs.google.com/file/d/0B6ZW664B0pZWdGIwNE9UVWJRZFNWaUVZUllrcmY5dw/edit?pli=1>
- Surlemont, B., & Kearney, P. (2009). *Pédagogie et esprit d'entreprendre*. Brussels: De Boeck.
- UNCTAD Secretariat (2011). *Entrepreneurship education, innovation and capacity-building in developing countries*. United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD). Geneva. Recuperado de http://unctad.org/en/Docs/ciimem1d9_en.pdf
- Vyakarnam, S. (2005). *Embedding entrepreneurship education at the university level*. Center for Entrepreneurial Learning. Judge Business School, University of Cambridge. Recuperado de <http://www.transitions.co.uk/uploads/Embedding%20entrepreneurship%20education.pdf>